

## **Análise da Produção e Comercialização de Espécies Vegetais na Cidade de Presidente Prudente (SP) Estratégias para o cultivo sustentável em jardins urbanos**

SESSÃO TEMÁTICA: DIMENSÃO BIOFÍSICA DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO E DA  
GESTÃO DA PAISAGEM

Leonardo Ferreira de Mello  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”  
E-mail: leonardo.mello@unesp.br

Valdirene Ijano  
Universidade de São Paulo  
E-mail: valdirene.ijano@usp.br

Euler Sandeville Jr.  
Universidade de São Paulo  
E-mail: euler@usp.br

### **RESUMO**

Este artigo busca analisar a produção e comercialização de espécies nativas na cidade de Presidente Prudente (SP), com o intuito de compreender a dinâmica da seleção de espécies vegetais para projetos paisagísticos na região, assim como identificar a oferta de plantas nativas e exóticas, de modo a verificar o alinhamento atual do mercado com práticas de paisagismo sustentável. Desse modo, procurou-se verificar as principais espécies disponíveis na cidade. Para isso, foram feitas revisões bibliográficas, visita a oito viveiros e lojas comercializadoras de plantas da cidade, montagem de uma ficha para a catalogação das espécies vegetais encontradas, assim como um levantamento fotográfico e a análise dos resultados obtidos. Os resultados mostraram uma grande diversificação nas espécies comercializadas, na maior parte exóticas. Além disso, observou-se um mercado mais ligado à questão estética do que à questão sustentável aplicada a comercialização de plantas. Assim, observa-se a necessidade da adoção de práticas visando um desenvolvimento paisagístico mais sustentável e responsável, com uso e comercialização de espécies nativas em um maior peso, juntamente com uma capacitação técnica e estudo da flora nativa local, além da colaboração entre produtores, setor público e instituições de ensino.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espécies vegetais; produção e comercialização de plantas; espécies nativas; paisagismo sustentável.

### **ABSTRACT**

This article aims to analyze the production and commercialization of native species in the city of Presidente Prudente (SP), to understand the dynamics of plant species selection for landscaping projects in the region, as well as to identify the supply of native and exotic plants, so as to verify the current alignment of the market with sustainable landscaping practices. Thus, the study sought to identify the main species available in the city. To this end, bibliographic reviews were conducted, visits were made to eight nurseries and plant shops in the city, a cataloging sheet was created for the plant species found, and a photographic survey and analysis of the results obtained were carried out. The results showed a great diversification in the species sold, mostly exotic. Furthermore, a market more linked to aesthetics than to sustainability applied to plant commercialization was observed. Therefore, the need for the adoption of practices aimed at more sustainable and



responsible landscape development is evident, with a greater use and commercialization of native species, along with technical training and study of the local native flora, as well as collaboration between producers, the public sector, and educational institutions.

**KEYWORDS:** Plant species; plant production and marketing; native species; sustainable landscaping.

## 1 INTRODUÇÃO

A vegetação, desde os primórdios até a atualidade, constitui um dos principais elementos que compõem a paisagem, influenciando de maneira direta o modo de vida dos demais seres vivos. No paisagismo, as espécies vegetais assumem um papel fundamental, transformando o ambiente como um todo. A composição desses elementos cria ambientes únicos, nos quais cada espécie reflete características a respeito do clima e das condições locais de desenvolvimento.

Nesse contexto, o estudo das espécies vegetais se torna um instrumento essencial para a compreensão do ambiente em que se vive, como uma ferramenta de preservação e manutenção ecológica, por meio de soluções baseadas na natureza e seu impacto urbanístico e social.

A produção e a comercialização de espécies vegetais formam um segmento econômico de significativa relevância para a constituição do espaço urbano público e privado, assim como para a composição de projetos paisagísticos e de restauração ecológica. O mercado de plantas e insumos de jardinagem é formado na maioria dos casos por produtores, viveiros, floriculturas, paisagistas, empreendimentos comerciais e consumidores finais.

A compreensão e análise desse circuito é de extrema importância, já que este acaba por influenciar na escolha e disponibilidade de espécies, assim como na disponibilidade de recursos e estratégias para a conservação da flora nativa regional. O predomínio de algumas espécies e o valor de venda também são fatores que podem acabar influenciar na circulação de determinadas espécies vegetais muito comuns nos jardins brasileiros.

Diante disso, o estudo propõe a análise da produção e comercialização de espécies vegetais na cidade de Presidente Prudente, localizada no oeste paulista. Buscou-se analisar a dinâmica da produção, distribuição e venda de plantas na cidade, assim como a investigação da oferta de espécies nativas versus exóticas, perfil dos locais de produção e venda, além das demandas de consumo local.

Nesse sentido, buscou-se investigar as principais espécies disponíveis para projetos paisagísticos em 8 (oito) viveiros da cidade, juntamente com o estudo e análise do papel das espécies vegetais disponíveis para a composição paisagística, visando sua importância ecológica, estética e social. A identificação de barreiras e mecanismos para a expansão de técnicas sustentáveis no setor também foi levada em consideração, visando a procura de técnicas de cultivo com baixos impactos ambientais, assim como canais que valorizem a produção de espécies locais.

Desse modo, a pesquisa visa contribuir para uma melhor compreensão das relações entre a produção de plantas, mercado, paisagismo e conservação, de modo a promover recomendações práticas que incentivem a comercialização e o uso de uma cadeia produtiva mais sustentável e alinhada às necessidades locais, juntamente com a valorização da flora nativa regional.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 A Produção e o setor de Plantas no Brasil

A produção de plantas e espécies ornamentais envolve múltiplas formas de exploração, as quais vão desde a produção de plantas ornamentais para vasos, flores e folhagens para corte, mudas, gramas e até a produção de bulbos e sementes voltados para o paisagismo e jardinagem, assim como também para os ambientes internos.

No Brasil, o setor agroindustrial de flores e plantas ornamentais possui importância significativa economicamente. Centros atacadistas públicos e privados são responsáveis na maioria dos casos pela comercialização e distribuição de plantas no mercado interno e externo, nos mais diversos setores: Floriculturas, supermercados, decoradores, funerárias e florais, chegando até os consumidores finais (Smorigo, 2000).

Para Aki *et al.* (2002), o mercado de flores e plantas ornamentais este distribuído por todo o país, no consumo e na produção. O número crescente de novos empreendedores no setor produtivo a cada ano é instigante, muitas vezes na maioria dos casos devido a atenção despertada pela mídia.

Nesse sentido, de acordo com Brainer (2019), a comercialização dos produtos da floricultura é realizada nas mais variadas formas e estruturas, podendo ser feita de maneira direta aos consumidores, quando se possui loja de venda própria ou a atacadistas para revenda, ou até mesmo ao mercado externo. Diante disso, é fundamental que se tenha a capacitação, orientação e integração do setor varejista com o produtor para uma melhor eficiência da cadeia produtiva, com o intuito de evitar desperdício de esforços e recursos ao longo da produção (Aki *et al.*, 2002).

Segundo Alvarenga (2023), conhecer de maneira efetiva a produção e o mercado são mecanismos para se evitar eventos de elevada severidade. A incidência de pragas, doenças de plantas, falta e desqualificação de mão de obra podem colocar em risco a produção de plantas, verificando assim a importância dos estudos das espécies vegetais, tanto para sua produção, assim como para sua comercialização e incorporação em projetos paisagísticos.

### 2.2 A Importância do estudo das espécies vegetais para a composição de projetos paisagísticos

Como um dos principais componentes da paisagem, as espécies vegetais são utilizadas pelo ser humano nas suas formas de utilização e seus diversos benefícios fornecidos. Desde os tempos antigos as espécies vegetais são utilizadas na concepção dos espaços externos das residências, como nas vilas italianas, residências egípcias, e nos pátios islâmicos e romanos, impondo seu papel na composição da paisagem e seu aspecto estético e afetivo (Farah, 2021).

Cada espécie vegetal é única, possuindo características próprias. Nesse sentido, para Farah (2021), a vegetação como ser biótico, pertence a uma determinada espécie, a qual

define características morfológicas e de comportamento, necessitando assim de condições ambientais específicas para a sobrevivência em cada ambiente.

No meio natural observa-se as mais variadas formas vegetais, com diversas cores, formatos, portes, texturas e meios propícios para seu desenvolvimento. Em um projeto de paisagismo, tais características devem ser aproveitadas de um melhor modo, com o intuito de se ter uma maior valorização das espécies e instigar os sentidos humanos. Assim, de acordo com Abbud (2010), a criação de espaços verdes e áreas ajardinadas é a única expressão artística na qual está presente os cinco sentidos do ser humano, envolvendo a visão, o tato, a audição, o paladar e o olfato, promovendo uma grande experiência sensorial.

De acordo com Sandeville Jr. (2001), a vegetação é um elemento estruturador do espaço, definindo os espaços públicos ou privados de maneira total ou parcial. Assim, é necessário a utilização de critérios adequados para cada situação de uso, visando uma correta harmonização com a paisagem e os elementos construídos, como os elementos naturais do espaço e um adequado dimensionamento ao local onde cada espécie irá ser implantada.

Nesse contexto, conhecer as características básicas das espécies vegetais é de extrema importância para se evitar diversas problemáticas. Competências teóricas e práticas são essenciais para o projeto paisagístico, tais como o conhecimento das características ecológicas da vegetação; conhecimento mínimo a respeito da taxonomia das espécies; as relações espaciais entre a vegetação e o espaço urbano; entre outros aspectos (Ribeiro, 2021).

Observa-se assim, que o conhecimento botânico é de grande importância para a seleção das espécies vegetais em projetos paisagísticos. Contudo, somente isso não é suficiente. É necessário também conhecer cada espécie vegetal em sua arquitetura e autoecologia, diante de um olhar artístico e uma sensibilidade diante os processos vitais às funções urbanas e estéticas do ambiente (Sandeville Jr., 2001).

Vale ressaltar também que, para Kolb *et al.* (2020), o reconhecimento de determinadas espécies que apresentam uma falta de aspectos morfológicos distintivos, é necessária uma análise de suas características anatômicas, como a anatomia foliar apresentada por cada espécie.

A utilização da anatomia foliar é uma importante ferramenta para a taxonomia de algumas espécies nativas brasileiras, com foco na apresentação de características que facilitem a sua identificação adequada. A análise pode diferenciar características comuns ao táxon e indicar um conjunto de critérios diagnósticos específicos (Kolb *et al.*, 2020).

O conhecimento das espécies vegetais e suas funções no ambiente é fundamental para a elaboração de projetos adequados. Para Chacel (2001), é de suma importância que o objetivo de projetos paisagísticos é a recriação dos ecossistemas antigos na paisagem natural destruída, para a recuperação de seus componentes bióticos e associações de indivíduos próprios que formavam os ecossistemas originais. Muitas plantas e animais criaram complexos sistemas de interdependência com o passar dos séculos, assim se uma espécie nativa desaparece, o animal também sucumbe (Cardim, 2022).

Outrossim, o equilíbrio ecológico nas grandes cidades e centros metropolitanos está cada vez mais dependente do paisagismo e sua função, o qual deve ser aplicado por profissionais qualificados e com seriedade, vinculado a fatores essenciais para o

reequilíbrio de ecossistemas locais cada vez mais degradados e não apenas a ornamentação estética (Barbosa, 2010).

De acordo com Oliveira (2000), as plantas são mais do que simples ornamentos estéticos. Estas são componentes que interagem com o ambiente de forma complexa. O resultado dessas interações, dependendo da combinação de espécies envolvidas e sua origem, pode ser benéfica ou não para a manutenção de reservas naturais e para a saúde dos seres humanos, fatores fundamentais para a sustentabilidade da sociedade.

No atual contexto, em um cenário onde o espaço urbano nos últimos anos se construiu em contraposição a natureza e quase eliminando o natural (Kliass, 2006), questões envolvendo o estudo da vegetação se tornam necessárias para um desenvolvimento sustentável. O estudo das espécies vegetais brasileiras, e o descobrimento de seus potenciais paisagísticos, assim como a demonstração de seus valores em harmonia com o ambiente, são ações de extrema importância para a preservação da flora brasileira dizimada (Marx, 2004).

Portanto, o estudo sobre a vegetação e suas características é de extrema importância, gerando uma variedade de opções para a transformação do cenário atual para um desenvolvimento sustentável, em um país cuja história é sempre de destruição e devastação da vegetação nativa, sem preocupações com a importância das florestas brasileiras (Dean, 2010).

### **2.3 As Espécies nativas no paisagismo**

De acordo com Aragão e Sandeville Jr. (2013), os jardins predominantes brasileiros abrigam em maior parte da sua composição espécies exóticas provenientes de outras paisagens, transformando a paisagem brasileira em um processo de substituição da flora nativa.

Nesse contexto, observa-se de maneira constante que no lugar de plantas nativas, plantas exóticas são utilizadas com grande frequência em projetos paisagísticos atuais, surgindo rigorosos espaços ajardinados, vinculados a monotonia da utilização das mesmas plantas exóticas nas mais variadas regiões do Brasil, as quais possuem características completamente diferentes das locais (Cardim, 2022).

Segundo Isernhagen; Le Bourlegat; Carboni (2009), o uso, por exemplo, de espécies arbóreas nativas regionais é atualmente incipiente, com o predomínio de espécies exóticas em relação ao número de espécies utilizadas. Para Holzer; Crichyno; Pires (2004), a presença de uma determinada espécie vegetal pode influenciar todo o entorno no ambiente em que está presente. Em torno de uma única espécie se associam outras espécies, mantendo relações de dependência e o estabelecimento interativo com o ambiente local.

É necessário, nesse sentido, compreender que a noção de jardim e a concepção projetual de áreas verdes não está vinculada apenas com como um produto decorativo, mas que parte da perspectiva dos processos fundamentais à sua concepção levando a uma reflexão crítica do tipo de vegetação a ser empregado em sua composição. Para Siqueira *et al.* (2021), os jardins são ferramentas estratégicas para a preservação da biodiversidade, além de contribuírem para o aumento da valorização e percepção da flora nativa pelo público.

Segundo Burle Marx (2004), o uso de espécies nativas em jardins e parques com o intuito de proporcionar para os habitantes do meio urbano o conhecimento das riquezas naturais da flora nativa brasileira, assim como auxiliar na perpetuação de espécies ameaçadas de extinção, são mecanismo de grande importância na produção paisagística. Quando áreas inteiras são devastadas e sua vegetação não é documentada e conhecida, perde-se a flora, assim como a oportunidade do conhecimento de se saber quais espécies nativas ocupavam essas áreas (Campos *et al.*, 2021).

Vale ressaltar, nesse contexto, que muitas das plantas utilizadas atualmente não eram incluídas em quaisquer jardins no passado, já que estas não estavam associadas a ideia de “beleza”, mas sim, consideradas “Mato” em um sentido negativo. A apreciação estética é influenciada em grande parte pelo significado, e em alguns casos o conhecimento de utilidades da planta pode favorecer o estabelecimento de vínculos com os indivíduos (Sandeville Jr., 2001). Assim, a demonstração e utilização da flora brasileira, como seus benefícios e fatores de preservação, se torna uma ferramenta para a difusão e perpetuação de espécies nativas em locais hoje que são ocupados em grande parte por espécies exóticas (Cardim, 2022).

Nesse sentido, para se ter um projeto paisagístico que respeite o meio em que ele está inserido, este deve incorporar evidências científicas, sendo multifuncional e sustentável. De acordo com Cardim (2022), o processo projetual deve compreender a importância de se respeitar a paisagem natural ancestral e suas formas de vida, com o restabelecimento das funções ecológicas de ecossistemas nativos (Cardim, 2022).

De acordo com Djiofack *et al.* (2025), para a restauração florestal utilizando espécies nativas, por exemplo, pode ser um caminho favorável para se enfrentar os desafios sociais e ambientais, beneficiando também ao mesmo tempo as comunidades locais de cada região.

Vale ressaltar também, a importância da preservação das espécies nativas para a preservação de paisagens naturais que possuem valor cultural no Brasil. Só se consegue preservar grande parte da diversidade de espécies nativas brasileiras com a preservação e permanência das paisagens naturais e biomas que formam o território nacional (Aragão; Sandeville Jr., 2019).

Diante disso, para que as plantas nativas que possuem um elevado potencial paisagístico cheguem ao mercado, é necessário o desenvolvimento de formas de cultivos e a verificação de sua viabilidade de utilização em jardins brasileiros. Visando isso, é necessário a associação de múltiplos agentes, entre eles viveiristas, paisagistas, clientes, estudantes e pesquisadores, tanto nas esferas públicas como privadas, criando redes interdisciplinares (Siqueira *et al.*, 2021).

Assim, a dinâmica da paisagem é de natureza ecológica e social. A alteração da paisagem pode comprometer processos de regeneração em desenvolvimento, podendo alterar, por exemplo, os rios, terras agrícolas e próximas a áreas de urbanização (Sandeville, 2010).

Verifica-se assim, a necessidade da preservação das fisionomias e ecossistemas naturais brasileiros, juntamente com a sua integração na paisagem. Observa-se, contudo, que a biodiversidade não se limita apenas a diversidade de espécies, mas sim a complexa rede de relações ecológicas que elas formam (Aragão; Sandeville Jr., 2019).

Dessa forma, destaca-se a importância da utilização de espécies nativas brasileiras em projetos paisagísticos sustentáveis, respeitando a natureza e incorporando estudos científicos para a sua realização. Busca-se, assim, priorizar as funções ecológicas da

paisagem, além da dimensão estética. O objetivo é possibilitar a produção de jardins sustentáveis em uma maior escala, evidenciando para a população as características únicas e o valor da flora nativa brasileira.

### 3. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

#### 3.1 Caracterização da área de estudo

Segundo o IBGE (2022), Presidente Prudente é uma cidade média, contando com aproximadamente 225 mil habitantes e uma densidade demográfica de 402,52 hab/km<sup>2</sup>. A cidade fica localizada no oeste paulista (22°07' S e 51°23' O), cerca de 558 km da cidade de São Paulo, com uma altitude próxima a 470 m acima do nível do mar.

Em relação às características climáticas da cidade, de acordo com um boletim climático publicado pela Universidade do Oeste Paulista do ano de 2020, a temperatura média anual é de aproximadamente 24,3 °C. O mês mais quente costuma ser em janeiro e os meses mais frios em junho e julho diante da média anual. A umidade relativa média do ar anual fica em torno de 65%, com maior número de precipitação entre outubro e março, e um período de poucas chuvas nos meses do inverno. Ademais a radiação solar média anual estimada anual para a cidade é de cerca de 15,0 MJ m<sup>-2</sup> dia<sup>-1</sup>, com maiores valores no mês de dezembro, conjunto de características climáticas que influenciam de maneira direta a formação da vegetação encontrada no local.

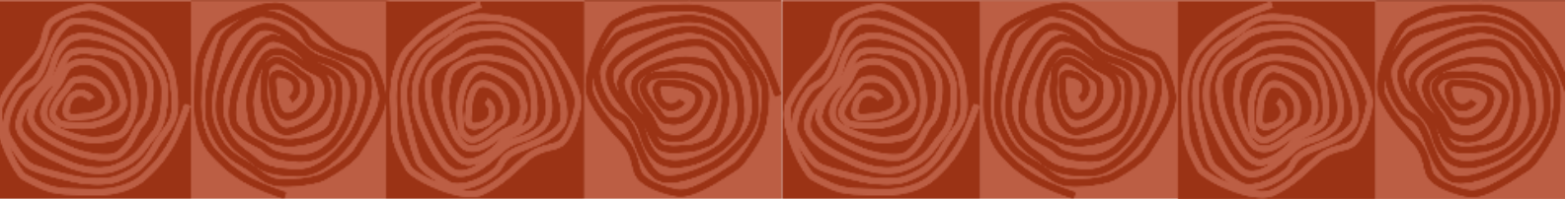
Nesse sentido, a cidade está inserida no bioma da Mata Atlântica, especificamente a formação vegetal da região de estudo corresponde a Floresta Estacional Semidecidual, típica do sudeste do Brasil. Desse modo, o conceito ecológico dessa região se relaciona ao clima de duas estações: uma seca e uma chuvosa. A como característica que 20 a 50% das árvores perdem as folhas durante a época seca do ano. Nessa região florestal são dominantes os gêneros *Swietenia*, *Tabebuia*, *Paratecoma* e *Cariniana*, entre outros (IBGE, 2004).

#### 3.1 Levantamentos de campo e análise dos dados

A pesquisa foi desenvolvida utilizando diversas abordagens, a fim de se atingir todos os objetivos propostos. Com isso, o estudo se estruturou em etapas que possibilitaram a análise da produção e comercialização de espécies vegetais na cidade de Presidente Prudente (SP).

De modo inicial, foi feita uma revisão bibliográfica, utilizando livros, artigos científicos, dissertações, além de documentos técnicos relacionados a produção, identificação e comercialização de espécies vegetais, vinculando a temática ao paisagismo no Brasil e sua função, juntamente com seu desenvolvimento sustentável. A revisão teve o objetivo de embasar teoricamente o estudo, buscando bases teóricas de qualidade para o desenvolvimento da pesquisa.

Após isso, foi elaborado em conjunto uma ficha de identificação das espécies vegetais, contendo informações referentes a identificação e características de cada espécie, como: Família, região de origem, clima, porte, nome botânico, nomes populares, características físicas, usos sugeridos, entre outros.



Para o auxílio na identificação das espécies foi utilizado de modo complementar livros, documentos e materiais botânicos a respeito da identificação e caracterização das espécies vegetais, como o Catálogo de Plantas e Fungos do Brasil, “Flora e Fungo do Brasil” (Flora e Funga do Brasil, 2025), o qual conta com descrições morfológicas, informações e ilustrações para espécies de plantas, fungos e algas do país.

De maneira sequente, foram feitas visitas a viveiros e estabelecimentos comerciais que apresentassem a produção e comercialização de plantas destinadas ao uso paisagístico na cidade. Foi realizado um estudo para a identificação desses estabelecimentos comercializadores de plantas nas cidades, identificado o endereço de cada um, assim com o seu telefone para contato. O objetivo das visitas foi analisar o funcionamento dos espaços, verificando as espécies disponíveis com o auxílio da ficha elaborada, assim como as condições de cultivo, presença de espécies nativas e exóticas e meios de comercialização.

Durante as visitas aos estabelecimentos, também se realizou levantamentos fotográficos do local, registrando de maneira visual as características físicas e botânicas de cada espécie, assim como os aspectos estruturais dos locais analisados, de modo a observar a estrutura e metodologia de produção ou comercialização.

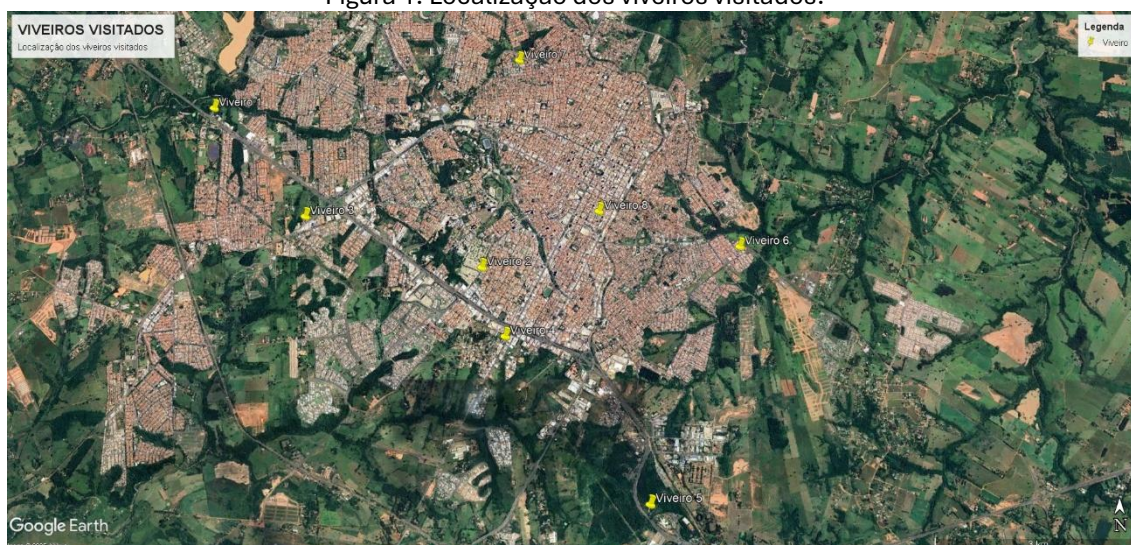
Com as informações coletadas, para análise e sistematização dos dados e informações, os dados obtidos foram submetidos a uma análise descritiva e comparativa, de modo a permitir a compreensão da dinâmica das plantas comercializadas e produzidas, as principais famílias de plantas comercializadas na região, a relação existente entre nativas versus exóticas, assim como o levantamento de potenciais e estratégias para o desenvolvimento de um paisagismo mais sustentável na região.

#### **4 RESULTADOS**

A partir da análise dos dados, verifica-se os resultados obtidos após as etapas das pesquisas realizadas. Foram visitados 8 (oito) viveiros/floriculturas na cidade de Presidente Prudente (figura 1). Todos esses comercializavam produtos voltados para a implantação de projetos paisagísticos e venda de plantas ornamentais para usos diversos.

Durante a visita a estes estabelecimentos citados (figura 1), foram identificadas 230 (duzentos e trinta) espécies vegetais distintas, pertencentes a 81 (oitenta e uma) famílias diferentes. As espécies analisadas são pertencentes aos mais diversos tipos: Árvores, arbustos, forrações, herbáceas, palmeiras, trepadeiras e samambaias, estas nos mais variados portes e tamanhos.

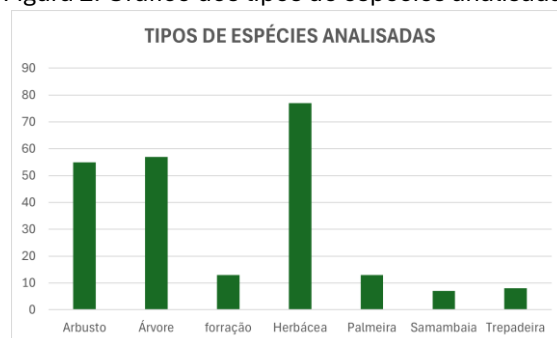
Figura 1: Localização dos viveiros visitados.



Fonte: Leonardo Mello, 2025.

Assim, do total analisado, 77 (setenta e sete) espécies são herbáceas, 57 (cinquenta e sete) são árvores, 55 (cinquenta e cinco) são arbustos, 13 (treze) são palmeiras, assim como 13 (treze) são forrações, 8 (oito) são trepadeiras e 7 (sete) são samambaias, como observa-se na figura 2.

Figura 2: Gráfico dos tipos de espécies analisadas



Fonte: Leonardo Mello, 2025.

De modo geral, os floristas e proprietários desses estabelecimentos não produziam o que comercializam em suas lojas. Toda estrutura acabava dependendo do fornecimento regular de plantas produzidas em outras regiões. Apenas 1 (um) viveiro dentre os 8 (oito) analisados era o único responsável pela produção das espécies comercializadas.

Em destaque para esse caso específico do viveiro responsável pela produção das espécies comercializadas, as espécies vendidas eram compostas apenas por espécies arbóreas, sendo a maioria nativas. Estas espécies eram destinadas na maioria dos casos, de acordo com um funcionário do local, para projetos de reflorestamento e de arborização urbana na cidade, mas também em alguns casos para usos diversos.

Ademais, em relação à região de origem das espécies analisadas, este tópico foi classificado em dois grandes grupos: Espécies nativas e espécies exóticas. Considerou-se espécies nativas de plantas originárias do Brasil, nas suas mais diversas regiões, outrossim, consideraram-se espécies exóticas plantas originárias de outras regiões do planeta que não fosse a região do Brasil.

Dentre as 230 (duzentas e trinta) espécies analisadas, 142 (cento e quarenta e dois) são exóticas e 88 (oitenta e oito) são nativas (figura 3). Desse modo do total analisado, 38% das espécies são nativas e 62% exóticas, como observa-se na figura abaixo (figura 4):

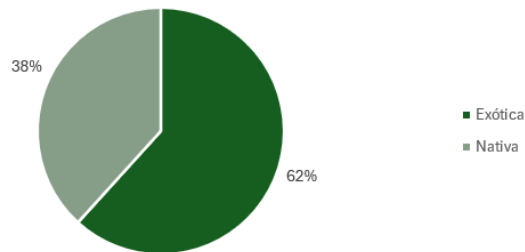
Figura 3: Espécies nativas encontradas.

| Espécie                                  | Nome Popular            | Porte |
|------------------------------------------|-------------------------|-------|
| <i>Aenictus arborescens</i>              | Fruto do Sabiá          | Alto  |
| <i>Anadenanthera macrocarpa</i> (Benth.) | Angico Vermelho         | Alto  |
| <i>Euphorbia heterophylla</i>            | Leiteiro                | Alto  |
| <i>Handroanthus albus</i>                | Ipê Amarelo             | Alto  |
| <i>Heliconia bihai</i>                   | Heliconia Bihai         | Alto  |
| <i>Heliconia rostrata</i>                | Heliconia Rostrata      | Alto  |
| <i>Inga laurina</i> (Sw.) Willd          | Ingá Branco             | Alto  |
| <i>Licania tomentosa</i>                 | Oiti                    | Alto  |
| <i>Psidium cattleianum</i>               | Araça vermelho          | Alto  |
| <i>Psidium guajava</i>                   | Goiabeira               | Alto  |
| <i>Schinus terebinthifolia</i>           | Aroeira pimenta         | Alto  |
| <i>Tibouchina grandifolia</i>            | Orelha de Onça          | Médio |
| <i>Triplaris americana</i>               | Pau Formiga             | Alto  |
| <i>Albizia niopoides</i>                 | Farinheira              | Alto  |
| <i>Alcantarea imperialis</i>             | Bromélia Imperial       | Médio |
| <i>Ananas bracteatus</i>                 | Abacaxi vermelho        | Médio |
| <i>Arachis repens</i>                    | grama Amendoim          | Baixo |
| <i>Bauhinia forficata</i>                | Pata de Vaca            | Alto  |
| <i>Bougainvillea spectabilis</i>         | Primavera               | Alto  |
| <i>Caladium x hortulanum</i>             | Caladium                | Médio |
| <i>Calathea insignis</i>                 | Maranta Cascavel        | Baixo |
| <i>Calathea makoyana</i>                 | Maranta Pavão           | Baixo |
| <i>calathea rotundifolia</i>             | Calatêia                | Médio |
| <i>Calathea zebrina</i>                  | Maranta Zebrada         | Médio |
| <i>Calliandra tweedii</i>                | Calliandra              | Médio |
| <i>Callisia repens</i>                   | Dinheiro em Penca       | Baixo |
| <i>Callisia repens</i>                   | Tostão                  | Baixo |
| <i>Campomanesia xanthocarpa</i>          | Gabirola                | Alto  |
| <i>Cariniana legalis</i>                 | Jequitibá-rosa          | Alto  |
| <i>Cassia grandis</i>                    | Ácacia rosa             | Alto  |
| <i>Cedrela fissilis</i>                  | Cedro Rosa              | Alto  |
| <i>Ceiba speciosa</i>                    | Paineira rosa           | Alto  |
| <i>Clusia fluminensis</i>                | Clúsia                  | Alto  |
| <i>Colubrina glandulosa</i>              | Sobrasil                | Alto  |
| <i>Cordia trichotoma</i>                 | Louro Pardo             | Alto  |
| <i>Croton floribundus</i>                | Capixingui              | Alto  |
| <i>Croton urucurana</i>                  | Sangra d'água           | Alto  |
| <i>Ctenanthe burle-marxii</i>            | Maranta Zebrada         | Baixo |
| <i>Ctenanthe oppenheimiana</i>           | Maranta Tricolor        | Baixo |
| <i>Ctenanthe setosa</i>                  | Maranta Cinza           | Médio |
| <i>Cuphea gracilis</i>                   | Érica                   | Baixo |
| <i>Cyclanthus bipartitus</i>             | Ciclauto                | alta  |
| <i>Dalbergia nigra</i>                   | Jacarandá da Bahia      | Alto  |
| <i>Enterolobium contortisiliquum</i>     | Tamboril                | Alto  |
| <i>Eugenia uniflora</i>                  | Pitanga                 | Alto  |
| <i>Euterpe oleracea</i>                  | Açaí                    | Alto  |
| <i>Gallezia integrifolia</i>             | Pau-d'alho              | Alto  |
| <i>Handroanthus heptaphyllus</i>         | Ipê rosa                | Alto  |
| <i>Handroanthus impetiginosus</i>        | Ipê roxo                | Alto  |
| <i>Heliconia psittacorum</i>             | Helicônia Papagaio      | Médio |
| <i>Hymenaea courbaril</i>                | Jatobá                  | Alto  |
| <i>Inga edulis</i>                       | Ingá vera               | Alto  |
| <i>Jacaranda mimosaefolia</i>            | Jacarandá Mimoso        | Alto  |
| <i>Lafoenzia pacari</i>                  | Dedaleiro               | Alto  |
| <i>Lantana camara</i>                    | Lantana                 | Baixo |
| <i>Lantana undulata</i>                  | Lantana Branca          | Baixo |
| <i>Luehea divaricata</i>                 | Açoita cavalo           | Alto  |
| <i>Maranta leuconeura</i>                | Maranta barriga de sapo | Baixo |
| <i>Monstera adansonii</i>                | Costela de Eva          | Médio |
| <i>Myrciaria cauliflora</i>              | Jabuticabeira           | Alto  |
| <i>Neomarica caerulea</i>                | Falso iris              | Médio |
| <i>Neomarica candida</i>                 | iris da Praia           | Médio |
| <i>Neoregelia spp. "Fireball"</i>        | Bromélia Vermelha       | Baixo |
| <i>Neoregelia Tiger</i>                  | Bromélia Tigre          | Médio |
| <i>Parapiptadenia rigida</i>             | Angico da Mata          | Alto  |
| <i>Paspalum sp</i>                       | Maracujá                | Alto  |
| <i>Pau-brasilia echinata</i>             | Pau Brasil              | Alto  |
| <i>Peltophorum dubium</i>                | Canafistula             | Alto  |
| <i>Philodendron bipinnatifidum</i>       | Guaimbé                 | Médio |
| <i>Philodendron Erubescens hastatum</i>  | Filodendro Grey         | Médio |
| <i>Philodendron hereraceum</i>           | Filodendro pendente     | Médio |
| <i>Philodendron imbe</i>                 | Filodendro Burle Marxii | Médio |
| <i>Philodendron 'Jose Buono' (P)</i>     | Filodendro José Buono   | Médio |
| <i>Philodendron madalenense</i>          | Filodendro Narrow       | Médio |
| <i>Philodendron martianum</i>            | Pacová                  | Médio |
| <i>Philodendron pedatum</i>              | Filodendro              | Médio |
| <i>Philodendron spp. 'Cascata'</i>       | Filodendro Cascata      | Médio |
| <i>Philodendron undulatum</i>            | Filodendro Onduado      | Médio |
| <i>Philodendron xanadu</i>               | Xanadu                  | Baixo |
| <i>Phlebodium aureum</i>                 | Samambaia Azul          | Médio |
| <i>Phlebodium decumanum</i>              | Samambaia Amazonas      | Médio |
| <i>Portulaca grandiflora</i>             | Onze horas              | Baixo |
| <i>Senna obtusifolia</i>                 | Mata Pasto              | Alto  |
| <i>Solanum lycocarpum</i>                | Lobeira                 | Alto  |
| <i>Tabebuia roseo-alba</i>               | Ipê Branco              | Alto  |
| <i>Theobroma cacao</i>                   | Cacau                   | Alto  |
| <i>Tibouchina mutabilis</i>              | Manacá da Serra         | Alto  |
| <i>Trema micrantha</i>                   | Pau Pólvera             | Alto  |

Fonte: Leonardo Mello, 2025.

Figura 4: Gráfico da origem das espécies estudadas.

#### ORIGEM DAS ESPÉCIES ESTUDADAS



Fonte: Leonardo Mello, 2025.

Desse modo, a partir da análise dos dados coletados, juntamente somados às observações realizadas durante as visitas aos viveiros, foi possível identificar padrões presentes, principalmente em relação aos tipos de espécies comercializadas, porte, finalidade de uso e sua origem.

## 5 DISCUSSÃO

A partir da análise dos dados coletados, observa-se um cenário diversificado em relação à produção e comercialização de espécies vegetais no município de Presidente Prudente. A análise demonstrou uma grande diversidade de tipos de espécies vegetais comercializadas, variando em diferentes portes, cores, texturas e tipos de espécies fornecidas ao consumidor final.

De acordo com os resultados, verifica-se que a maior parte das espécies disponíveis para ao consumidor final e para utilização em projetos paisagísticos é composta por espécies exóticas, indicando um mercado mais voltado à questão estética do paisagismo do que a questão ecológica e científica aplicada à comercialização de plantas.

Durante as visitas, observou-se que as espécies mais frequentes nos viveiros e buscadas pelos consumidores acabam por serem espécies muito difundidas atualmente, muitas vezes são exóticas. Espécies como a “Costela de Adão” (*Monstera deliciosa*), “Cica” (*Cycas revoluta*) e “Jibóia” (*Epipremnum pinnatum*), mesmo que visualmente atrativas e procuradas pelos consumidores, são espécies exóticas, podendo afetar as dinâmicas ecológicas da região.

Em contraponto, espécies nativas, como o “Guaimbé” (*Philodendron bipinnatifidum*), o Ipê-amarelo (*Handroanthus albus*) e a “Clúsia” (*Clusia fluminensis*), também foram encontradas de maneira frequente, presentes nos viveiros visitados. Contudo, com pouca divulgação da região de origem dessas espécies e aos benefícios ecológicos fornecidos.

Embora as espécies nativas apresentaram uma menor porcentagem dentre a quantidade total de espécies identificadas, estas apresentam grande importância para o contexto ambiental e ecológico da cidade. Essas espécies originárias são de grande importância para o desenvolvimento e implementação de projetos paisagísticos mais sustentáveis, assim como para conservação da fauna e da flora local, contribuindo para a manutenção da biodiversidade local e para a recuperação de áreas pelo homem.

Ademais, em relação à organização das espécies vegetais nos estabelecimentos, verificou-se que muitas das plantas comercializadas não apresentavam nenhum tipo de identificação, sendo vendidas como “plantas genéricas”. A falta de divulgação em relação a região de origem das espécies vendidas também era presente, dificultando a compra e seleção de espécies nativas para a composição de projetos paisagísticos, assim como para se evitar o uso de espécies invasoras, possíveis de causarem danos ambientais.

A partir disso, observa-se que muitos dos viveiros não possuem estratégias voltadas à sustentabilidade e conscientização ambiental. Como citado, muitos não produzem as espécies vegetais comercializadas, apenas vendendo as espécies provenientes de outras regiões. Desse modo, estes acabam contribuindo para a venda e divulgação de espécies exóticas na região, contribuindo para a disseminação das mesmas espécies exóticas encontradas nos jardins brasileiros, mesmo que sejam regiões completamente diferentes.

No lugar de revender espécies exóticas originárias de outras regiões, os viveiros poderiam adotar mecanismos para a produção e venda de espécies nativas locais, provenientes da região em que a cidade está inserida. Diante do cenário apresentado, ainda existe um potencial de expansão para a produção e comercialização de espécies nativas. Mesmo que em um menor número, espécies nativas brasileiras já são comercializadas e fornecidas para o consumidor final nos viveiros analisados.

Nesse sentido, necessita-se de programas e ações educativas, vinculadas ao poder público e aos viveiristas, para o fortalecimento da cadeia produtiva no setor de plantas ornamentais nativas, promovendo práticas mais sustentáveis e de preservação ao meio ambiente. A capacitação técnica e a valorização da flora nativa local são instrumentos de grande importância para um desenvolvimento de projetos paisagísticos mais sustentáveis.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Desse modo, a pesquisa realizada sobre a análise da produção e comercialização de espécies vegetais na cidade de Presidente Prudente (SP) possibilitou compreender de maneira abrangente o cenário atual do setor paisagístico e de comercialização de plantas ornamentais na cidade. Verificou-se que 62% das plantas analisadas nos viveiros visitados são exóticas, enquanto as espécies nativas brasileiras apresentaram uma parcela menor, cerca de 38%.

Diante desse cenário, destaca-se a importância do estudo das espécies vegetais, assim como a capacitação profissional, juntamente com o incentivo para a produção de espécies nativas. O intuito, nesse sentido, é a conservação da biodiversidade local, o desenvolvimento de um paisagismo sustentável, assim como a valorização da identidade local e a busca de um equilíbrio ecológico, ações de extrema importância em um cenário de degradação e destruição da flora nativa.

Conclui-se, portanto, que a adesão de práticas visando um desenvolvimento sustentável e o uso de espécies nativas na produção e comercialização de plantas ornamentais é fundamental para um crescimento de um modelo paisagístico responsável, científico e educativo, em busca do equilíbrio com o ambiente natural. A estética, nesse sentido, passa a ser apenas mais uma característica diante das tantas outras fornecidas pela aplicação de um projeto de paisagismo sustentável, em harmonia com o meio que está inserido.

## REFERÊNCIAS

- ABBUD, Benedito. **Criando paisagens**: guia de trabalho em arquitetura paisagística. 4. ed. São Paulo: Senac, 2010. 206 p. Ilustrações: Hélio Yokomizo.
- AKI, Augusto *et al.* ASPECTOS DA PRODUÇÃO E CONSUMO DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS NO BRASIL. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 13-23, 6 ago. 2002. *Lepidus Tecnologia*. <http://dx.doi.org/10.14295/rbho.v8i1.304>.
- ALVARENGA, Mayara Davoli *et al.* IDENTIFICAÇÃO DOS RISCOS NA PRODUÇÃO DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS: evidências a partir da região de holambra/ sp. **Gestão & Regionalidade**, [S.L.], v. 39, n. 116, p. 1-27, 9 jan. 2023. USCS Universidade Municipal de Sao Caetano do Sul. <http://dx.doi.org/10.13037/gr.vol39.e20236836>.
- ARAGÃO, Solange de; SANDEVILLE JR., Euler. A Floresta e o Jardim no Brasil do Século XIX. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, Brasil, n. 31, p. 161–174, 2013. DOI: [10.11606/issn.2359-5361.v0i31p161-174](https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i31p161-174). Disponível em: <https://revistas.usp.br/paam/article/view/78145>. Acesso em: 17 jul. 2025.
- ARAGAO, Solange de SANDEVILLE JR., Euler. **A necessidade de preservação das espécies vegetais para a conservação das paisagens naturais de valor cultural no Brasil**. In: 5º Colóquio Ibero-Americano: paisagem cultural, patrimônio e projeto, 2019, Belo Horizonte. Anais 5º Colóquio Ibero-Americano: paisagem cultural, patrimônio e projeto. Belo Horizonte: UFMG, 2019. p. 1-2. -<https://biosphera21.net.br/E-ARQUIVOS/PUBLICACOES/2019-ARAGAO-SANDEVILLE-PaisagensNaturaisCulturais.pdf>
- BARBOSA, Antonio Carlos da Silva. **Paisagismo, Jardinagem e Plantas Ornamentais**. 7. ed. São Paulo: Iglu, 2010. 231 p.
- BRAINER, Maria Simone de Castro Pereira. Flores e Plantas Ornamentais. **Caderno Setorial ETENE**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, ano 4, n.95, set.2019.
- CAMPOS, Erica *et al.* The flora of south-eastern Mato Grosso State (Brazil): a review of herbarium collections. **Biodiversity Data Journal**, [S.L.], v. 9, 10 nov. 2021. Pensoft Publishers. <http://dx.doi.org/10.3897/bdj.9.e72907>.
- CARDIM, Ricardo Henrique. **Paisagismo sustentável para o Brasil**: integrando natureza e humanidade no século XXI . 2. reimpr. São Paulo: Olhares, 2022.
- CHACEL, Fernando Magalhães. **Paisagismo e Ecogênese**. Rio de Janeiro: Fraiha, 2001.
- DEAN, Warren. **A ferro e fogo**: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DJIOFACK, Brice Yannick *et al.* The potential of native tree species for forest restoration in the Central Congo Basin. **Ecological Engineering**, [S.L.], v. 217, p. 107662, jul. 2025. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ecoleng.2025.107662>.
- FARAH, I. M. C. A vegetação como acervo botânico no Parque do Flamengo, Rio de Janeiro. **Paisagem e Ambiente**, v. 32, n. 48, p. e182156, 20 out. 2021.
- FLORA E FUNGA DO BRASIL**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/> >. Acesso em: 6 Mai 2025.
- HOLZER, Werther; CRICHYNO, Jorge; PIRES, Alice Cabanelas. Sustentabilidade da urbanização em áreas de restinga: uma proposta de avaliação pós-ocupação . **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, Brasil, n. 19, p. 49–65, 2004. DOI: [10.11606/issn.2359-5361.v0i19p49-65](https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i19p49-65).

5361.v0i19p49-65. Disponível em: <https://revistas.usp.br/paam/article/view/40219>. Acesso em: 17 jul. 2025.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE lança o Mapa de Biomas do Brasil e o Mapa de Vegetação do Brasil, em comemoração ao Dia Mundial da Biodiversidade**. 2004. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/12789-asi-ibge-lanca-o-mapa-de-biomas-do-brasil-e-o-mapa-de-vegetacao-do-brasil-em-comemoracao-ao-dia-mundial-da-biodiversidade>. Acesso em: 12 nov. 2025.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. | **Portal do IBGE** | IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/pt/inicio.html>. Acesso em: 6 Mai 2025.

ISERNHAGEN, Ingo; LE BOURLEGAT, Jeanne MG; CARBONI, Marina. Trazendo a riqueza arbórea regional para dentro das cidades: possibilidades, limitações e benefícios. **Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana**, v. 4, n. 2, p. 117-138, 2009.

KLIASS, Rosa Grena. **Rosa Kliass**: desenhando paisagens, moldando uma profissão. São Paulo: Senac, 2006. 221 p.

KOLB, Kathleen L. *et al.* Leaf anatomy as a taxonomy tool for the identification of Brazilian native species of Chionanthus (Oleaceae). **Flora**, [S.L.], v. 266, p. 151590, maio 2020. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.flora.2020.151590>.

MARX, Roberto Burle. **ROBERTO BURLE MARX ARTE E PAISAGEM**: conferências escolhidas. 2. ed. São Paulo: Nobel, 2004.

OLIVEIRA, M. G. DE. Bromélias no Paisagismo, Saúde Pública e Ambiente. **Paisagem e Ambiente**, n. 13, p. 73, 10 dez. 2000.

RIBEIRO, A. C. C. Vegetação e ensino de paisagismo: uma experiência de sensibilização. **Paisagem e Ambiente**, v. 32, n. 48, p. e182444, 17 set. 2021.

SANDEVILLE, Euler. A Dinâmica Natural das Florestas. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, Brasil, n. 27, p. 53–70, 2010. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i27p53-70. Disponível em: <https://revistas.usp.br/paam/article/view/77366>. Acesso em: 17 jul. 2025.

SANDEVILLE JR., Euler. Vegetação: um convite à sensibilidade. **Câmara Informa Revista da Câmara de Arquitetos e Consultores**. São Paulo, p.14 - 15, 2001. <https://biosphera21.net.br/E-ARQUIVOS/PUBLICACOES/2001-Euler-Sandeville-vegetacaoesensibilidade.pdf>

SIQUEIRA, Mariana de Melo *et al.* Paisagismo e Cerrado: jardins para celebrar savanas e campos brasileiros. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, Brasil, v. 32, n. 48, p. e158266, 2021. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.paam.2021.158266. Disponível em: <https://revistas.usp.br/paam/article/view/158266>. Acesso em: 17 jul. 2025.

SMORIGO, J. N. **Análise da eficiência dos sistemas de distribuição de flores e plantas ornamentais no Estado de São Paulo**. 2000. 132p. Dissertação (M.S.) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo.

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA (UNOESTE). **Caracterização climática de Presidente Prudente (SP): boletim climático n.º 1**. Presidente Prudente: UNOESTE, 2020. Disponível em: <https://sites.unoeste.br/clima/wp-content/uploads/2020/07/Boletim-01-Characteriza%C3%A7%C3%A3o-Clim%C3%A1tica-de-Presidente-Prudente-2.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2025.